

A POLIFONIA EM ENCADEAMENTOS COM *ALÉM DISSO*

Claudia Mendes Campos¹

claudiamc@ufpr.br

RESUMO: Na teoria polifônica da enunciação, Ducrot postula que o sujeito não é uno, que ele se multiplica na enunciação: o locutor é o responsável pelo dizer, enquanto os enunciadores correspondem às perspectivas apresentadas no enunciado. O locutor são dois: “locutor enquanto tal” (uma instância da enunciação) e “locutor enquanto ser do mundo” (pessoa no mundo que está na origem do enunciado). Esse modelo permite descrever as vozes que ecoam no enunciado, mas exclui qualquer relação com o acontecimento da enunciação tomado em sua historicidade. Em Guimarães, na semântica do acontecimento, a cena enunciativa é descrita a partir de uma releitura do modelo ducrotiano que parece propícia para investigar os lugares do sujeito da enunciação em suas dimensões linguística, enunciativa e histórica. Este trabalho realiza uma aproximação entre os modelos de polifonia desses dois autores. Embora a cena enunciativa seja concebida de modo relativamente diferente em cada um deles, entendo que é possível relacionar a encenação das diferentes vozes que, conforme a semântica argumentativa, falam no enunciado, com a cena enunciativa tal como pensada na semântica do acontecimento. Esta aproximação se faz com o propósito de descrever a polifonia em encadeamentos articulados em torno do operado *além disso*, entendendo que os enunciados articulados por esse operador são apresentados a partir de lugares enunciativos distintos, constituindo perspectivas diferentes, e configurando diferentes relações entre o lugar de dizer e os lugares sociais ou entre o lugar de dizer e o apagamento de suas relações com a historicidade.

PALAVRAS-CHAVE: polifonia; argumentação; semântica; operador argumentativo.

INTRODUÇÃO

O operador “*além disso*” recebe uma descrição na semântica argumentativa (Guimarães, 2007) que não corresponde exatamente à intuição de alguns falantes sobre seu funcionamento. Segundo essa descrição, o *além disso* acrescenta ao discurso um argumento que teria a mesma força em relação aos anteriores – um novo argumento na mesma escala argumentativa e no mesmo ponto da escala. No entanto, alguns falantes entendem que esse operador introduz um argumento mais forte na cadeia, funcionando de modo semelhante ao “*até mesmo*”. Este trabalho é parte de uma pesquisa que procura investigar os usos que se têm feito do operador *além disso*, tendo em vista a hipótese de que, em lugar de um

¹ Universidade Federal do Paraná – UFPR.

funcionamento escalar, ou simplesmente aditivo, ele teria um funcionamento polifônico, semelhante ao do “*não só... mas também*”. Nesta primeira etapa da pesquisa, apresento a descrição e análise de um texto que contém esse operador, com o objetivo de examinar a adequação explicativa da hipótese em questão. Para tanto, discuto a polifonia na semântica argumentativa e o conceito de cena enunciativa na semântica do acontecimento. Posteriormente, retomo em detalhes a descrição tradicionalmente oferecida para esse operador na semântica argumentativa, coloco-a em questão e, então, apresento a análise de um dado, que permite chegar a conclusões parciais sobre a questão.

1. A POLIFONIA NA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

A *teoria da polifonia* foi apresentada por Ducrot no artigo “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação” (1984)². Nesse texto, o autor postula que o sujeito não é uno, que ele se multiplica na enunciação. Com esta formulação, Ducrot se opõe à posição linguística que toma como óbvio que cada enunciado tem um e apenas um autor. Iniciando sua reflexão através de um diálogo com os trabalhos de Bakhtin, ele postula a existência de um desdobramento do sujeito na enunciação: há locutor e enunciator nesse lugar.³ Há o *locutor*, que é o responsável pelo dizer, é aquele a quem o pronome *eu* se refere (1987: 182). A ele correspondem duas instâncias: o “*locutor enquanto tal*”, que está no plano da enunciação, não é uma entidade do mundo “real”, e o “*locutor enquanto ser do mundo*”, que é a pessoa no mundo que está na origem do enunciado. Ducrot exemplifica essa distinção com a auto-crítica: nessa circunstância, o “locutor enquanto tal” faria a crítica não a si mesmo, mas ao “locutor enquanto ser no mundo”. Há, por outro lado, os *enunciadores*, que correspondem às perspectivas apresentadas no enunciado, aos pontos de vista postos em cena pelo locutor na enunciação dos enunciados. Através de um paralelo entre a cena enunciativa e a cena teatral, faz-se corresponder o locutor ao narrador, e o enunciator ao personagem. Assim, do mesmo modo que pode haver vários personagens apresentados pelo mesmo narrador em uma mesma peça, também o locutor pode apresentar vários enunciadores, no mesmo enunciado. O enunciator é, então, a origem dos diferentes pontos de vista que se expressam no enunciado; isto é, o locutor coloca em cena diferentes enunciadores, que representam as diferentes perspectivas enunciadas. Na negação, por exemplo, o locutor coloca em cena dois

² Esta é a data da primeira publicação do livro que contém este artigo. A edição a ser referida e citada neste trabalho é a de 1987.

³ Segundo o próprio Ducrot, a figura do autor empírico não interessa a linguística e não será, portanto, tratada aqui.

enunciadores, um que afirma e outro que recusa a afirmação, ao passo que ele, locutor, se identifica com essa última perspectiva.

Em texto mais recente, escrito em coautoria com Carel – “Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação” (2008) –, a teoria da polifonia é revista e alterada, particularmente no que diz respeito às *relações entre locutor e enunciadores*. Mantém-se a caracterização das personagens da enunciação, assim como o entendimento de que é na enunciação que o locutor coloca em cena um ou mais enunciadores. Apresentam-se, contudo, duas especificações acerca da relação locutor-enunciador: as *assimilações* e as *atitudes*. O locutor assimila os enunciadores a personagens da cena enunciativa, que podem ser determinados, indeterminados ou apenas genericamente caracterizados. Embora haja restrições linguísticas para a construção das assimilações, não é necessário que as assimilações sejam explicitadas linguisticamente, uma vez que a polifonia se manifesta na enunciação. Em outras palavras, uma descrição linguística, que não tome a enunciação como objeto de análise, não tem como identificar locutor e enunciador, nem as relações estabelecidas entre eles na enunciação. Essa característica traz o risco de fazer da descrição das assimilações realizadas pelo locutor uma tarefa um tanto impressionística, particularmente nos casos em que não haja, de fato, nenhuma explicitação linguística. A alternativa apontada pelos autores é o trabalho com textos, uma vez que “a semântica polifônica impõe que se olhem as utilizações reais das frases, que se confronte a língua ao discurso” (Ducrot & Carel, 2008: 18).^{4/5}

Além das assimilações, há ainda as atitudes do locutor em relação aos pontos de vista assimilados a tal ou qual enunciador. Isto é, o locutor se posiciona quanto a esses pontos de vista, assumindo-os, concordando com eles ou se opondo a eles na cadeia enunciativa. Quando ele *assume* um enunciador, o ponto de vista assimilado a esse enunciador será *imposto* no enunciado. Quando ele *concorda* com o enunciador, o ponto de vista em questão será *mantido* no enunciado. Quando, por fim, ele se *opõe* ao enunciador, o objeto da oposição fica *impedido* de ser assumido na sequência do discurso, assim como fica impedido de receber a concordância do locutor.

Esses dois novos conceitos – assimilações e atitudes – permitem à teoria suprimir a ideia de “identificação”, anteriormente usada de modo genérico para tratar das relações entre

⁴ Segundo os autores, “de fato, os próprios conceitos de que se serve a polifonia, enunciador, locutor, atitude, encenação, não podem ter nenhuma realidade na língua mas apenas na transformação da língua em discurso – até mesmo se essa transformação é guiada pela língua” (Ducrot & Carel, 2008: 18).

⁵ Como descrever esse confronto entre língua e discurso é parte da tarefa que pretendo realizar com este trabalho, através da aproximação entre a semântica ducrotiana, com seu viés argumentativo e polifônico, e a semântica do acontecimento, que acresce a esses o viés histórico.

locutor e enunciadores, com a vantagem de “dar ao enunciador um papel indispensável que era menos claro anteriormente” (ibidem: 9). Ainda uma vez tomando a negação como exemplo, embora simplificando a descrição realizada em Ducrot & Carel (2008) e adequando-a aos propósitos desta exposição, observa-se que o locutor não se *identifica* com um dos enunciadores colocados em cena na negação, mas sobretudo se *opõe* a um deles (a afirmação evocada no enunciado) e *assume* o outro, ou pelo menos *concorda* com ele (a negação propriamente dita). Em geral, apenas na enunciação será possível descrever as assimilações e atitudes. No entanto, em certas estruturas linguísticas, como a negação, as atitudes do locutor frente aos enunciadores são sistemáticas. Portanto, nesses casos, seu funcionamento é passível de descrição no plano do enunciado, sem recurso ao texto ou ao discurso. As assimilações, contudo, parecem sempre depender do plano discursivo para serem descritas, razão pela qual na descrição da negação aqui apresentada não foram formuladas hipóteses a esse respeito.

O modelo clássico da polifonia, tal como originalmente desenvolvido por Ducrot, permitia descrever as vozes que ecoam no enunciado, mas deixava um tanto nebulosas as relações entre o locutor e as vozes que ele colocava em cena, relações estas descritas apenas através da noção pouco explorada de “identificação” do locutor ao(s) enunciator(es). Do mesmo modo, a assimilação das vozes apresentadas no enunciado a determinadas personagens, ou a lugares de dizer, inscritos na enunciação não se podia fazer naquele modelo – essa não era sequer uma questão levantada na referida etapa da teoria polifônica; falava-se apenas, de maneira um tanto vaga, em “locutor enquanto pessoa no mundo”. Tais relações – fundamentais para a descrição da enunciação tomada como encontro entre língua e discurso – foram esclarecidas na versão atual da teoria, através dos conceitos de assimilação e atitude. Observa-se, então, ganhar seu lugar no modelo, para além de vozes genericamente inscritas na enunciação, vozes identificadas – ou melhor: assimiladas – a personagens ou a lugares de dizer, sejam eles determinados, indeterminados, genéricos ou individuais. Contudo, resta ainda excluída de ambas as versões da teoria qualquer relação com o acontecimento da enunciação tomado em sua historicidade. O desdobramento da teoria que criou os conceitos de assimilação e atitudes permite uma aproximação com a semântica do acontecimento, e se beneficia com a possibilidade de descrever mais precisamente, com bases sócio-históricas, as assimilações realizadas no enunciado e as atitudes do locutor em relação aos enunciadores.

2. A POLIFONIA NA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

Em Guimarães (2002), na *semântica do acontecimento*, a cena enunciativa é descrita a partir de uma releitura do modelo ducrotiano que parece propícia para investigar os lugares do sujeito da enunciação em suas dimensões linguística, enunciativa e histórica. As categorias postuladas por Guimarães propõem um olhar para a historicidade do acontecimento enunciativo. Essas categorias são inspiradas em trabalho anterior do próprio Guimarães sobre as conjunções do português,⁶ porém com algum deslocamento e aprofundamento de intuições já presentes naquele trabalho. Na descrição da cena enunciativa, espaço em que o sujeito da enunciação se desdobra, são estabelecidas três figuras da enunciação, correspondendo a representações do sujeito da enunciação configuradas no acontecimento enunciativo: o Locutor (com maiúscula), o locutor-x e o enunciador. Assim como para Ducrot, também aqui não se trata de *pessoas* envolvidas na enunciação, mas de “uma configuração do agenciamento enunciativo” (Guimarães, 2002: 23). As configurações do sujeito da enunciação correspondem a lugares de dizer constituídos no acontecimento.

O *Locutor* é “o lugar que se representa no próprio dizer como fonte deste dizer” (idem). Trata-se, portanto, de uma representação da origem do dizer, do sujeito que fala na enunciação, em quase nada diferente do que postula Ducrot para essa mesma figura enunciativa. Esse sujeito, no entanto, fala de lugares sociais “autorizados a falar” (ibidem: 24). Guimarães exemplifica com o ato de decretar, em que um sujeito autorizado, como o presidente da República ou o governador de Estado decreta alguma coisa. Ele só pode fazê-lo a partir desse lugar legitimado socialmente, o de locutor-presidente ou locutor-governador. Seria possível ainda pensar em um exemplo como o do examinador de um concurso vestibular, que enuncia uma questão de prova em determinado acontecimento enunciativo. Ao dizer “escreva um texto de até 10 linhas”, os efeitos de sentido desse acontecimento passam pela configuração de um Locutor, que representa a origem do dizer (e que está apagada nesse acontecimento, em que o *eu* não tem lugar, embora não deixe de estar lá), e também de um locutor-examinador, que corresponde ao lugar social autorizado para produzir este dizer. Para esclarecer ainda um pouco mais esse ponto, pode-se pensar esse mesmo enunciado, porém produzido por um locutor que fale do lugar social *candidato ao concurso vestibular*. Esse dizer não seria legitimado, pois um locutor-candidato não corresponde a um lugar autorizado para este dizer. Para além dos sentidos que ele poderia assumir no acontecimento, seu dizer

⁶ *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*, cuja primeira edição é de 1987. A edição citada e referida neste artigo será a mais recente, de 2007.

seria certamente esvaziado dos sentidos que ele assume quando produzido do lugar do locutor-examinador. Assim, desse ponto de vista, “o Locutor só pode falar enquanto predicado por um lugar social” (Guimarães, 2002: 24), que corresponde ao que na teoria se designa como *locutor-x*, em que o *x* é uma variável que representa o lugar social em questão. Em outras palavras, o sujeito da enunciação é dividido, é clivado: ele é um lugar de dizer, mas é também um lugar social. A esse lugar social, seria possível fazer corresponder as personagens às quais o locutor ducrotiano *assimila* os dizeres constitutivos do seu enunciado: esta seria então uma forma de ler / interpretar o conceito de assimilação. Embora Ducrot e Carel não se mostrem interessados em associações com a historicidade, seu modelo parece permitir esta aproximação, que – como apontei acima – pode elucidar os modos de constituição das assimilações promovidas pelo locutor (ou Locutor – aquele que diz / enuncia no enunciado).

Ocorre, no entanto, que o sujeito nem sempre fala de um lugar social conhecido ou determinado – questão esta também enunciada em Ducrot & Carel (2008), que apontam em seu texto a possibilidade de as assimilações se darem a “seres (...) frequentemente indeterminados e caracterizados só de modo geral” (idem: 7). Segundo Guimarães (2002), este lugar de dizer pode se representar como *individual*, ou ainda como *genérico* ou *universal*. Nesses três casos, a cena enunciativa é representada como se estivesse fora da história, como se fosse independente dela. Obviamente, esta é apenas uma representação, uma vez que não há dizer efetivamente independente da história, mas ela dá outra configuração ao sujeito da enunciação. Nesses casos, não se fala mais em locutor-*x*, mas em *enunciador*: “o Locutor se representa como um *lugar de dizer* simplesmente” (idem: 25, grifo do autor). O *enunciador-individual* fala como se a própria pessoa fosse a responsável pelo dizer; nesses casos, o Locutor *assimila* o enunciador a si mesmo. O exemplo é uma promessa entre amigos: “eu prometo que vou a sua casa” (idem). O Locutor enuncia a promessa tomando a pessoa no mundo, fora de qualquer lugar social, como o lugar de onde diz. Uma comparação com uma promessa feita por um político em campanha eleitoral poderia esclarecer as diferenças entre as figuras do locutor-*x* e do enunciador. O Locutor que fala na promessa do político corresponde ao locutor-político (ou locutor-candidato), e é desse lugar social, o de um candidato a um cargo de prefeito por exemplo, que ele enuncia “eu prometo construir trinta postos de saúde”. Nesse dizer, ele se representa como o futuro prefeito que cumprirá sua promessa; segundo o modelo ducrotiano, o Locutor *assimilaria* o enunciador ao futuro prefeito, ou ao candidato ao cargo de prefeito – mas a consideração de que se trata de uma figura discursiva “que pede votos” só tem como ser tratada no âmbito da semântica do acontecimento, ou seja, tomando-

se sua historicidade. Vê-se, com esses dois exemplos, as diferenças entre locutor-x e enunciador: a promessa do político configura-se como partindo de um lugar social que legitima o dizer, diferente da promessa entre amigos, em que o lugar de dizer é representado como individual, a-histórico.

Outro lugar de dizer que promove o apagamento do lugar social é o do *enunciador-genérico*. O exemplo prototípico são os ditos populares, mas não apenas eles configuram sua origem nesse lugar. Também os lugares comuns, as frases feitas e os dizeres do senso comum se representam como “aquilo que todos dizem” (idem), como se o dizer não tivesse relação com um lugar social. O *todos* a que está associado esse enunciador-genérico refere-se a um conjunto indeterminado, cujas fronteiras são indiscerníveis. Desse modo, o sujeito da enunciação é representado “como um indivíduo que escolhe falar como outros indivíduos” (idem). Assim, também nesse caso, trata-se de uma representação do acontecimento enunciativo como independente da história. Também nesse caso, pode-se fazer a aproximação com a teoria argumentativa da polifonia:⁷ o Locutor assimila os dizeres que apresenta a um enunciador “indeterminado, caracterizado apenas de modo geral” (Ducrot & Carel, 2008: 7), que pode ser descrito como genérico, uma vez que equivale a uma “voz geral”, que pertence a todos (e portanto a ninguém), que se representa como originada em todos os lugares (e portanto em lugar nenhum).

Na semântica do acontecimento, há ainda uma terceira possibilidade de representação da enunciação como fora da história e independente de um lugar social: o *enunciador-universal*. Nesse caso, importa uma relação do dizer com certa representação de valores de verdade, com o verdadeiro e o falso. O Locutor apresenta seu dizer como tendo certa relação com os fatos que faria dele indubitavelmente verdadeiro. Isto é, o Locutor fala do lugar do universal, do que seria compartilhado e universalmente aceito não por uma totalidade indiscernível de locutores, mas devido à sua veracidade, à sua relação com certa factualidade – os fatos *são apresentados* pelo Locutor como verdadeiros. É importante salientar que se trata de uma representação do dizer: o Locutor fala de um lugar que toma a noção de verdade como essencial na construção do seu discurso.⁸ Assim como os casos anteriores, também este enunciador pode ser interpretado como resultado da assimilação feita pelo Locutor entre os

⁷ Refiro-me à teoria da polifonia na versão de Ducrot e Carel como *teoria argumentativa da polifonia* em função de suas relações com a teoria da argumentação na língua, ou mais especificamente com a teoria dos blocos semânticos, relações estas que não serão sistematicamente exploradas aqui. Para mais detalhes, ver Carel & Ducrot (2002, 2005, entre outros).

⁸ Ou seja, a teoria não trabalha com valores de verdade, mas apenas identifica em alguns dizeres a representação desses valores.

dizeres que apresenta e uma figura da enunciação tomada como universal, uma vez que apresentada como verdadeira.

Em síntese, Guimarães (2002: 26) considera que a cena enunciativa configura sempre um *Locutor*, uma origem para o dizer, mas que o sujeito da enunciação está dividido, podendo se representar associado a um lugar social ou independente dele. No primeiro caso, o Locutor divide a cena com o *locutor-x*; no segundo, com o *enunciador*. No primeiro caso, a relação com a história está encenada no acontecimento; no segundo, ela está apagada, recalcada. Essa configuração esclarece parte do desdobramento realizado por Ducrot & Carel (2008). Como procurei demonstrar acima, o conceito de *assimilação* pode ser produtivamente aproximado do modelo da semântica do acontecimento. Em ambas as teorias, o Locutor está sempre lá, como lugar de dizer, como representação daquele que enuncia. Nas duas, o Locutor se relaciona com outras figuras da enunciação: em Ducrot & Carel, ele assimila os pontos de vista que apresenta a enunciadores; em Guimarães, estas outras figuras se desdobram ainda uma vez, quando o Locutor coloca em cena enunciadores ou locutores-x, a depender da representação de suas relações com a historicidade. Em outras palavras, a consideração da historicidade inscrita na enunciação permite configurar com mais clareza as assimilações realizadas pelo Locutor no enunciado.

A cena enunciativa tal como concebida em Guimarães distingue-se em alguns aspectos do modelo ducrotiano, embora tenha nele seu ponto de partida. Em Guimarães, a cena enunciativa não é descrita (necessariamente) como uma encenação de vozes que se contrapõem ou convergem entre si. Trata-se mais de um modo de descrever o sujeito da enunciação em sua divisão interna, em sua clivagem. Isso não significa que a encenação proposta em Ducrot – em que diferentes vozes falam em um mesmo enunciado, sendo assumidas pelo Locutor, recebendo sua concordância ou sua contraposição – não possa ter lugar na cena enunciativa de Guimarães. Pelo contrário, esta encenação, representada em Ducrot & Carel através das atitudes do Locutor frente aos enunciadores que ele coloca em cena, pode acrescentar um aspecto importante à consideração da enunciação em sua historicidade, tomada como encontro entre língua e discurso. As relações de *assunção*, *concordância* ou *oposição* também permitem caracterizar de modo mais preciso a cena enunciativa. Parece ser este mais um dos interesses nesta questão para a proposta de aproximação entre esses modelos.⁹

⁹ Sobre as relações entre a semântica do acontecimento e o modelo de polifonia de Ducrot (1984), ver o posfácio de Guimarães (2007).

Esta aproximação se faz com o propósito de descrever a polifonia em encadeamentos articulados em torno do operador *além disso*. Segundo a hipótese inicial deste trabalho, os enunciados articulados por esse operador seriam apresentados a partir de lugares enunciativos distintos, constituindo perspectivas diferentes, e configurando diferentes relações entre o lugar de dizer e os lugares sociais ou entre o lugar de dizer e o apagamento de suas relações com a historicidade. O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados desta descrição.

3. O ESTADO DA ARTE: A ARGUMENTAÇÃO EM ENCADEAMENTOS COM ALÉM DISSO

Guimarães (2007) realiza, no quadro da semântica argumentativa da década de 1980, uma descrição para o *além disso* que é ainda hoje referência para a compreensão do funcionamento desse operador.¹⁰ De acordo com ela, o *além disso* articula dois enunciados de igual valor na sequência em que aparecem. Considerada uma escala argumentativa (Ducrot, 1981), em que os enunciados articulados funcionam como argumentos para uma mesma conclusão (isto é, são argumentos de uma mesma classe argumentativa), o *além disso* situa ambos os enunciados por ele articulados em um único ponto da escala, indicando que eles têm a mesma força argumentativa. Segundo esta descrição, isto significa tão somente que tais enunciados são *apresentados como se* estivessem no mesmo ponto da escala, *como se* tivessem a mesma força argumentativa. Pouco importa que de fato os enunciados tenham a força de argumentos indicada no encadeamento: importa que a conjunção marca os enunciados dessa maneira – são esses os efeitos de sentido produzidos por ela.

Efetivamente, os testes apresentados em Guimarães (2007) e os exemplos por ele discutidos parecem sustentar consistentemente esta descrição. Ele mostra, por exemplo, que esse operador pode ser combinado ao *também*, sem alteração da significação do encadeamento, como se vê nos enunciados abaixo:¹¹

- 1) Paulo veio e além disso João veio.
- 2) Paulo veio e além disso João também veio.

Esse teste ganha seu valor com a análise realizada em Vogt (2009), segundo a qual o *também* articula enunciados de mesma força argumentativa. Com isso, a combinação desses

¹⁰ Nesta seção, a descrição do funcionamento do *além disso* se fará sem referência à teoria dos blocos semânticos, uma vez que o objetivo neste ponto é apenas recuperar a descrição realizada por Guimarães em 1987 (trabalho que está sendo referido neste artigo através da 4ª edição, publicada em 2007).

¹¹ Os exemplos de 1 a 5 foram adaptados de Guimarães (2007: 96-97).

dois operadores dá mais sustentação à hipótese de que ambos tenham como marca articularem argumentos localizados em um mesmo ponto de determinada escala argumentativa.

Guimarães ainda compara o *além disso* ao *até mesmo*, conectivo para o qual a descrição oferecida é a de que introduz o argumento mais alto (mais forte) em determinada escala argumentativa. Assim, ele mostra que, ao contrário do *além disso*, o *até mesmo* não pode ser combinado ao *também* em um enunciado sem causar estranhamento e interferir na sua aceitabilidade, como se vê no exemplo abaixo:

3) (?) Paulo veio e até mesmo João também veio.

Do mesmo modo, a diferença entre esses dois operadores pode ser vista nos enunciados abaixo:

4) Paulo veio e, além disso, até mesmo João veio.

5) (?) Paulo veio e, até mesmo, além disso João veio.

O enunciado 5) teria sua aceitabilidade comprometida pelo fato de que combina esses dois operadores de maneira que o *até mesmo* impõe uma interpretação escalar para o *além disso*, que ele não aceita; isto é, aquele marcaria uma diferença de força argumentativa, ao passo que este não. Já o enunciado 4) seria aceitável, porque, nesse caso, o *além disso* – que não marca diferença de força argumentativa – antecede o *até mesmo*.

Esta descrição, no entanto, não tem convencido alguns dos alunos do curso de graduação em Letras da UFPR, que têm demonstrado resistência em relação a esta interpretação dos fatos. Segundo a intuição de alguns desses sujeitos, o *além disso* teria um funcionamento muito semelhante ao do *até mesmo* – isto é, ambos marcariam diferença de força argumentativa entre os enunciados por eles encadeados, de maneira que o enunciado introduzido pelo operador *além disso* teria força argumentativa maior que o enunciado que o antecede.

As observações que tenho feito ao longo dos últimos anos acerca desta questão não corroboram a intuição destes alunos. Por outro lado, também não parecem corroborar a descrição encontrada em Guimarães (2007). Por estas razões, convém investigar o funcionamento desse operador.

4. HÁ POLIFONIA EM ENCADEAMENTOS COM ALÉM DISSO?

Embora o *além disso* não receba, em Guimarães (2007), nenhuma descrição polifônica, pergunto se não seria viável descrever a configuração do sujeito da enunciação em encadeamentos desse tipo através de uma perspectiva que considere a polifonia. Uma explicação possível para a intuição dos alunos do curso de Letras anteriormente referidos diria que os enunciados articulados por esse operador são apresentados a partir de lugares enunciativos distintos, constituindo perspectivas diferentes. Eles funcionariam como o *não só... mas também*, que encadeia argumentos ou conclusões entre si, sendo o segundo enunciado do encadeamento assimilado ao Locutor (Guimarães, 2007: 123-147). Desse mesmo modo, o *além disso* introduziria um enunciado ao qual o Locutor se assimilaria, enquanto o enunciado anterior seria assimilado a um enunciador diferente dele. Como no caso do *não só... mas também...*, o Locutor apresentaria o primeiro enunciado como um já-dito, ao qual ele não se oporia – até pelo contrário, com o qual concordaria –, mas que representaria o dizer como assimilado a um outro lugar, diferente do Locutor. Já o segundo enunciado seria apresentado como acrescentado ao anterior da perspectiva do Locutor, esse dizer seria representado como tendo sua origem no Locutor. Essa configuração seria, na verdade, a responsável pela interpretação do segundo segmento como mais forte que o primeiro – isto é, não haveria uma diferença de força argumentativa entre os enunciados encadeados, mas uma diferença entre as vozes evocadas por cada segmento.

Nesse sentido, a descrição de tais encadeamentos envolveria também a polifonia, não apenas a argumentação – a cena enunciativa configuraria diferentes vozes, que encenariam perspectivas diferentes no acontecimento.

Para estudar esta hipótese, é preciso também pensar na divisão do sujeito da enunciação na cena enunciativa, com Guimarães (2002). Haveria, então, um Locutor, que se representa como a origem do dizer. Já os lugares de dizer aos quais ele está associado, em sua clivagem interna, em sua divisão de si mesmo, poderiam ser representados como locutor-x ou como enunciador, a depender da assunção de lugares sociais ou de sua assimilação a uma perspectiva individual, genérica ou universal. Um locutor-x estaria em cena, se no enunciado fosse possível identificar a representação que o Locutor faz do lugar social que ocupa (ou pode ocupar). Inversamente, um enunciador estaria em cena, se o Locutor se representasse como uma voz individual, ou como uma voz entre outras a repeti-las, ou como o lugar da verdade. Cada encadeamento, remetido ao texto de que faz parte, constitui uma certa configuração da cena enunciativa, que demanda descrição.

Por outro lado, ao supor que há uma correlação entre as descrições de encadeamentos com *não só... mas também...* e com *além disso*, outra possibilidade de análise também se abre: o ponto de vista expresso na primeira parte de encadeamentos com *além disso* seria de alguma maneira assimilado a outros sujeitos que não o Locutor. O Locutor apresentaria esse dizer como se originando em outro lugar. Esse ponto de vista de partida seria assimilado a algum lugar social colocado em cena no acontecimento, ou a um enunciador genérico, universal ou individual, com o qual o Locutor concordaria, mas que não assumiria. Em seguida, o Locutor apresentaria um outro ponto de vista, acrescentado ao anterior, mas agora associado a um lugar de dizer diferente do anterior, assimilado a um locutor-x ou um enunciador, e assumido por ele, Locutor. Do mesmo modo que na primeira hipótese levantada, nessa interpretação dos fatos, o segundo segmento do encadeamento não teria maior força argumentativa que o primeiro, mas sim seria assumido pelo Locutor, ao contrário do primeiro segmento, com o qual o Locutor apenas concordaria. Em outras palavras, esta hipótese – assim como a anterior – supõe a existência de um elemento linguístico, presente na descrição do funcionamento enunciativo dos encadeamentos em análise, que pudesse ser a motivação da intuição expressa pelos alunos de Letras mencionados acima. Em ambas, esse elemento seria a polifonia.

5. UM ENCADEAMENTO COM ALÉM DISSO

Esta investigação começa com o olhar sobre um dado, que será descrito e discutido em seguida. Em etapas posteriores da pesquisa, a análise se estenderá a um corpus maior e relativamente mais variado.¹² Por ora, vamos observar um recorte¹³ de um artigo de opinião escrito por Elio Gaspari e publicado na Folha de S. Paulo em 31 de março de 2010, “A trapaça do rastreador da Oi no Velox”. A íntegra do texto segue no quadro 2, em anexo.

O texto trata de uma ferramenta para a internet oferecida pela operadora de telefonia Oi e, segundo Gaspari, “apresentada aos consumidores de maneira trapaceada, deselegante”.

¹² Este trabalho apresenta os primeiros resultados de um projeto de pesquisa que apenas se iniciou. Faz parte dos seus objetivos investigar o funcionamento do operador em análise em três gêneros discursivos: artigos de opinião publicados no ano de 2010 na Folha de S. Paulo, artigos de divulgação publicados pelos linguistas Sírío Possenti, Carlos Alberto Faraco e José Luiz Fiorin e, por fim, redações de vestibulandos candidatos ao curso de Letras da UFPR.

¹³ A noção de recorte está sendo aqui emprestada a Guimarães (2007). Ela toma a sequência textual como parte de um todo, considerando tanto a incompletude quanto a polissemia como constitutivas da linguagem. O recorte não é, portanto, descrito isoladamente; ele é sempre referido ao todo do texto – ao que o antecede e ao que o sucede; ao que está lá e ao que não está (ao dito e ao não-dito); ao que significa no texto e ao que pode significar.

O mimo é oferecido como uma "facilidade", omitindo que é um rastreador. Quando o "Navegador" entra num computador que usa o serviço Velox, os endereços por onde o cliente passa são registrados pelo programa. A Oi garante que o rastreador passa longe de alguns sítios, inclusive dos que pedem senhas. *Além disso*, assegura que a identidade do cliente será preservada, pois o "Navegador" atribui ao computador rastreado um algoritmo de 24 dígitos que não pode ser decifrado.

(Elio Gaspari, "A trapaça do rastreador da Oi no Velox")

Os enunciados articulados pelo conectivo são

A [A Oi garante que o rastreador passa longe de alguns sítios, inclusive dos que pedem senhas.]

Além disso,

B [assegura que a identidade do cliente será preservada, pois o "Navegador" atribui ao computador rastreado um algoritmo de 24 dígitos que não pode ser decifrado.]

Quadro 1: enunciados articulados no encadeamento em análise

Segundo a descrição argumentativa proposta por Guimarães (2007), há aqui dois enunciados com a mesma orientação argumentativa, ambos situados no mesmo ponto de uma escala argumentativa. Nesse sentido, tanto A quanto B seriam argumentos para algo como *o rastreador não representa perigo para a segurança do internauta*.¹⁴ Acionando a teoria dos blocos semânticos, os segmentos A e B poderiam ser interpretados como expressando o aspecto *rastreador NE não-perigo* (em que NE se lê "no entanto"). Ambos pertenceriam não apenas ao mesmo bloco, mas expressariam a mesma argumentação.¹⁵

Quanto à hipótese de polifonia, o discurso indireto que estrutura o encadeamento assegura que há mais de uma voz nesse lugar. Entretanto, esta polifonia não está marcada no texto pelo conectivo em análise. Trata-se de polifonia própria dos discursos indiretos, em que o Locutor dá voz a outros em seu discurso. Assim, em ambos os enunciados do encadeamento, o Locutor coloca em cena um outro locutor, que ele assimila à empresa de telefonia Oi. À primeira vista, não parece haver nesse texto uma diferença entre os lugares de dizer associados aos segmentos A e B. A multiplicidade de vozes se configura aqui como uma dissociação entre o Locutor e os lugares de dizer que ele coloca em cena, uma vez que o

¹⁴ Esta interpretação passa por um discurso como "a proteção de senhas e a preservação da identidade do usuário são essenciais para a segurança na internet", que dá sustentação para a passagem desses argumentos à conclusão indicada.

¹⁵ Um bloco semântico é composto por quatro aspectos que expressam de diferentes maneiras a mesma dependência semântica entre dois segmentos: A *portanto* B; não-A *portanto* não-B; A *no entanto* não-B; não-A *no entanto* B (Ducrot, 2005: 22-25). Para detalhes sobre esta descrição, ver Carel & Ducrot (2002 e 2005) e Ducrot & Carel (2008).

discurso se desdobra e vê-se em cena uma voz assimilada ao Locutor, que dá voz a outro, sendo esta outra voz assimilada pelo Locutor à operadora de telefonia.

Quanto aos lugares sociais associados a estas vozes, vê-se um Locutor que se representa como locutor-articulista e que representa o discurso citado como assimilado a um locutor-empresa privada. Cabe aqui esta especificação (locutor-empresa *privada*), uma vez que o discurso construído no texto se faz associando o fato em discussão (*lançamento de uma ferramenta para a internet que contém um rastreador dos caminhos percorridos na rede pelo cliente*) a um objetivo comercial (“*O rastreamento interessa à Oi e aos seus parceiros porque permite a segmentação de público para o mercado publicitário. Assim, uma empresa de turismo pode anunciar só para pessoas que pesquisaram preços de pousadas*”. Elio Gaspari) Nesse texto em particular, o Locutor não assume os pontos de vista assimilados a esse outro locutor, justamente em função dessa dissociação entre os lugares sociais de onde vêm suas vozes. O *articulista* se opõe à perspectiva *privada, comercial* associada ao locutor citado no encadeamento.

Mas esta configuração também não pode ser atribuída à presença do *além disso* na cadeia. Ela é garantida pela relação entre o encadeamento e a sequência que o antecede: o Locutor afirma que a ferramenta é “*apresentada aos consumidores de maneira trapaceada, deselegante*” e se refere a ela através do substantivo “*facilidade*” usado entre aspas, que marcam uma certa ironia nessa referência. Assim, as relações argumentativas que estruturam o encadeamento com o *além disso* não são exatamente as mesmas que estruturam o discurso apresentado pelo Locutor no texto tomado como um todo. Ao falar em trapaça, ele enuncia um discurso oposto ao do outro locutor que ele coloca em cena – a conclusão aqui seria algo como *o rastreador representa (sim) perigo para a segurança do internauta*. Ou, novamente acionando a teoria dos blocos semânticos, o Locutor enuncia a relação *rastreador PT perigo* (em que PT se lê “portanto”), aspecto converso àquele assimilado ao locutor-empresa (*rastreador NE não-perigo*). Em outras palavras, o aspecto expresso pelo texto e assumido pelo Locutor – *rastreador PT perigo* – é outro aspecto do mesmo bloco semântico anteriormente evocado: trata-se da mesma argumentação, porém de relações diferentes entre os segmentos relacionados, uma transgressiva (aquela assimilada ao locutor-empresa) e outra normativa (aquela assumida pelo Locutor).¹⁶ A ironia tem esse efeito no texto: afirma um discurso absurdo, se tomado da perspectiva do Locutor, e por isso mesmo sustenta, na

¹⁶ Segundo a teoria dos blocos semânticos, a argumentação pode ser normativa ou transgressiva. É normativa quando dois segmentos do discurso são articulados por um conectivo do tipo *portanto* e é transgressiva quando eles são articulados por um conectivo do tipo *no entanto*.

verdade, a perspectiva oposta. “*Facilidade*”, entre aspas, marca a ironia, na medida em que coloca em cena uma argumentação assimilada ao locutor-empresa e absurda do ponto de vista do Locutor: *rastreador NE não perigo*. Já *trapaça* marca o discurso do Locutor, que fala como locutor-articulista: *rastreador PT perigo*.

Resta ainda investigar se os dois argumentos encadeados com *além disso* são, de fato, assimilados a um único lugar de dizer (o locutor-empresa), ou se os pontos de vista a eles associados diferenciam-se entre si de alguma maneira. Em outras palavras, cabe perguntar – ainda que esses enunciados tenham sido a princípio assimilados ao locutor-empresa – se eles se enquadram na hipótese descritiva em discussão neste trabalho: eles estão mesmo associados a uma única perspectiva? Obviamente, dada a estrutura do texto – que atribui de maneira explícita ambos os enunciados a um outro locutor, nomeando-o como *Oi* –, não é razoável dissociar do locutor-empresa, assimilado à operadora de telefonia em questão, nenhum dos discursos articulados no encadeamento. No entanto, para sustentar que há polifonia aqui, não parece ser esse o único caminho – não parece ser necessário que haja lugares de dizer distintos assimilados a cada um dos enunciados articulados, uma vez que pode haver diferenças quanto à generalidade associada a cada uma das perspectivas enunciadas.

Nesse sentido, entendo que o primeiro enunciado poderia ser associado a um discurso como *a garantia de sigilo para as senhas do internauta é garantia de segurança na internet (sigilo para as senhas PT segurança)*, enquanto o segundo enunciado estaria associado a um discurso como *a garantia de preservação da identidade do internauta é garantia de segurança na internet (preservação da identidade PT segurança)*. O primeiro deles pode ser interpretado como associado também a um enunciador genérico, ao contrário do segundo, que seria associado apenas ao locutor-empresa. Isso seria possível, porque o discurso indireto atribui o dizer a um outro; porém, esse dizer se estrutura como qualquer outro. Assim, o desdobramento produzido por essa dupla perspectiva enunciativa produz ainda a possibilidade de outros desdobramentos. O locutor-empresa, assimilado pelo Locutor do texto aos discursos do encadeamento em análise, por sua vez assimila os pontos de vista que enuncia a outros lugares de dizer. Com isso, na primeira parte desse recorte textual, *a necessidade de garantia de sigilo para senhas* seria interpretada como “algo que todos dizem”¹⁷ (Guimarães, 2002: 25), enquanto *a necessidade de preservação da identidade do internauta* seria interpretada como originada especialmente no dizer da empresa. Isso parece razoável. A proteção de

¹⁷ Inclusive, portanto, a própria empresa, uma vez que ela se inclui nesse “todos”.

senhas está mais genericamente associada à segurança na internet do que a preservação da identidade do internauta. Se assim é, há polifonia nesse encadeamento, ainda que ambos os enunciados por ele articulados sejam assimilados, através das marcas próprias do discurso indireto (nesse caso, verbos *discendi*, atribuição de autoria), a um mesmo locutor, cujo lugar social é o de locutor-empresa. A polifonia estaria na associação do primeiro segmento a um enunciador-genérico, ao contrário do segundo, que seria associado apenas ao locutor citado.

Uma vez que se trata de discurso indireto, o locutor citado é também Locutor. Este desdobramento resulta em descrever também as *atitudes* do locutor citado, tomado em seu papel de Locutor, frente aos argumentos que apresenta. Assim, a polifonia descrita no parágrafo anterior nos levaria, talvez, a sustentar que ele concordaria com o primeiro enunciado e assumiria o segundo. Não parece implausível, no entanto, que ele assumisse os dois pontos de vista, apesar da maior generalidade do primeiro. Importante é que ele não se opõe a nenhum deles.

Com isso, o segundo segmento corresponderia a um argumento apresentado com vistas a reforçar a argumentação não porque fosse em si mais forte que o anterior, mas porque traria uma nova perspectiva para o discurso, associada não ao “que todos dizem”, mas a um dizer diferente disso, que comporta alguma especificidade.

FINALIZANDO

A descrição realizada acima evidencia a polifonia funcionando em um pequeno recorte de um texto através de diversas estruturas linguísticas, inclusive aquela sob investigação neste trabalho. Daquilo que interessa para esta discussão, cabe destacar a polifonia do discurso indireto, que se cruza com a polifonia encontrada no encadeamento com *além disso* e poderia encobri-la. Em outras palavras, há duas vozes explicitamente enunciadas no recorte do texto: a do Locutor, que se responsabiliza pelo discurso enunciado no texto, e a do locutor citado, assimilado pelo Locutor a uma empresa de telefonia. No entanto, a análise evidenciou que há ainda outras vozes aqui, ainda que não explicitamente marcadas. De fato, o encadeamento com *além disso* articula dois pontos de vista nesse texto, o de um enunciador-genérico e o do locutor-empresa – como acontece com o operador *não só... mas também...*, que frequentemente (embora não exclusivamente) articula também um enunciador-genérico ao ponto de vista do locutor.

Essa interpretação ajuda a explicar a intuição dos alunos do curso de Letras que motivaram esta investigação. Assim, seria possível dizer que, em lugar de o segundo

segmento de encadeamentos com *além disso* introduzir um argumento mais forte na cadeia (como querem os referidos alunos), ele introduziria um argumento que parte exclusivamente da perspectiva do Locutor. A impressão de maior força argumentativa viria, não de uma diferença escalar entre os argumentos articulados (como ocorre com o *até mesmo*), mas da apresentação, pelo *além disso*, de um argumento derradeiro,¹⁸ uma vez que novo no discurso e apresentado pelo Locutor como uma espécie de “carta na manga”, inesperada. Em alguns textos, essa nova “cartada” talvez até seja apresentada de uma perspectiva individual – um argumento que se acrescenta ao(s) argumento(s) anterior(es), mas que se diferencia deles por estes serem tomados, não como mais fracos, mas como compartilhados por alguma coletividade, ou até mesmo genéricos, enquanto o argumento que sucede o operador é apresentado como se fosse uma formulação própria do Locutor.

Entretanto, apenas uma conclusão parcial é possível nesta etapa do trabalho. A análise realizada pode ser tomada como um argumento em favor da hipótese inicial da pesquisa, de que o funcionamento de encadeamentos com *além disso* não é escalar, nem tampouco apenas aditivo, mas é polifônico. Contudo, esta pode ser uma peculiaridade do texto analisado. Para confirmar e sustentar a hipótese, serão necessárias outras análises, não apenas de mais textos, mas de textos pertencentes a outros gêneros e relacionados a outras autorias, trabalho a ser realizado na continuação do projeto de pesquisa em que este trabalho se insere.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. O problema do paradoxo em uma semântica argumentativa. *Língua e instrumentos linguísticos*, Campinas: Pontes e Projeto História das Idéias Linguísticas/Unicamp, nº 8, p. 7-32, 2002.
2. _____. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Buenos Aires: Colihue, 2005.
3. DUCROT, Oswald. (1973) As escalas argumentativas. *Provar e dizer: linguagem e lógica*. São Paulo: Global, p. 178-228, 1981.
4. _____. (1984) Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, p. 161-218, 1987.

¹⁸ No caso do texto analisado neste trabalho, o argumento é de fato derradeiro, uma vez que é o último de uma série atribuída ao locutor-empresa. Nem sempre, no entanto, isso acontece; outros argumentos podem ainda ser apresentados após o encadeamento com *além disso*, fato este cuja descrição e explicação demandam a análise de um corpus maior.

5. ____; CAREL, Marion. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 7-18, jan/mar 2008.
6. GUIMARÃES, Eduardo. (1987) *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. 4ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.
7. ____ Enunciação e acontecimento. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, p. 11-31, 2002.
8. VOGT, Carlos. (1977) *O Intervalo Semântico*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, Campinas: Unicamp, 2009.

ABSTRACT: Ducrot in his polyphonic theory of enunciation objects to the uniqueness of the subject of enunciation saying that it has polyphonic levels: the speaker which is the voice responsible for the enunciative act, and the utterers which correspond to the perspectives presented in enunciation. The speaker has two voices: “the speaker itself” (an instance of enunciation) and “the speaker in the world” (a person in the world who is at the origin of the utterance). This model allows us to describe the many voices that echo in the utterance, but it excludes any form of relation between the event of the enunciation and its historicity. In Eduardo Guimarães’ writings, the enunciation scene is described according to a reinterpretation of the Ducrot’s model which seems adequate to investigate the subject of enunciation in its linguistic, enunciative and historical dimensions. This paper attempts to relate the polyphonic models of these two authors. Although the enunciative scene is conceived in relatively different ways in each model, it is possible to relate the different voices in the utterance, with the enunciative scene as understood by Guimarães. This approximation is done aiming to describe polyphony in chains with the operator *além disso*, with an understanding that the utterances articulated by this operator are presented from distinctive enunciative places, constituting different perspectives and configuring different relationships between the place of saying and the social places or between the place of saying and the suppression of its relations with historicity.

KEYWORDS: polyphony; argumentation; semantics; argumentative operator.

Anexo

A trapaça do rastreador da Oi no Velox

Elio Gaspari

A OPERADORA Oi anunciou na semana passada o lançamento de uma ferramenta para a internet chamada "Navegador". Trata-se de um rastreador dos caminhos percorridos na rede pelo cliente de seu serviço Velox. A novidade é apresentada aos consumidores de maneira trapaceada, deselegante. (A operação já começou, pequena e felizmente sujeita a correções, no Rio.)

O mimo é oferecido como uma "facilidade", omitindo que é um rastreador. Quando o "Navegador" entra num computador que usa o serviço Velox, os endereços por onde o cliente passa são registrados pelo programa. A Oi garante que o rastreador passa longe de alguns sítios, inclusive dos que pedem senhas. Além disso, assegura que a identidade do cliente será preservada, pois o "Navegador" atribui ao computador rastreado um algoritmo de 24 dígitos que não pode ser decifrado.

O rastreamento interessa à Oi e aos seus parceiros porque permite a segmentação de público para o mercado publicitário. Assim, uma empresa de turismo pode anunciar só para pessoas que pesquisaram preços de pousadas, e todos ganham com isso. É o que faz o Google. Quando uma pessoa entra nas suas páginas, seus interesses são registrados e, a partir daí, selecionam-se os anúncios que lhe serão oferecidos na barra lateral da tela.

Há uma diferença entre o Google e o "Navegador" Oi/Velox. No Google, o sujeito entra se quiser, quando quiser, para usar ferramentas que lhe são oferecidas de graça. Velox e Oi são fornecedoras de um serviço remunerado e vendem o acesso à banda larga a 4,5 milhões de clientes.

A Oi trapaceia na maneira como oferece o "Navegador". O sujeito liga a máquina, aciona o Velox e vê uma tela que lhe apresenta a "facilidade" (em relação a quê?). A lisura recomendaria que a empresa mencionasse, de saída, a função rastreadora do "Navegador".

Até aí, manipulam a comunicação. No lance seguinte, recorrem a uma pegadinha para capturar clientes. Quando a tela do "Navegador" aparece, o mimo é oferecido com o aviso de que ele "já está ativo". A tela do "Navegador" permite que o consumidor desative a ferramenta, mas não é assim que se faz. Uma pessoa não pode ser obrigada a desativar algo que não solicitou.

Pouco custaria à Oi informar, com clareza que o "Navegador" rastreará o freguês, garantido-lhe a privacidade. Em seguida, como fazem as boas casas do ramo, ofereceria duas caixinhas: "Quero" e "Não quero". O freguês escolhe e não há mais o que discutir.

A relação entre um consumidor e sua operadora de internet baseia-se em algum tipo de confiança. Se a "facilidade" manipula o idioma e recorre a uma pegadinha, arrisca-se a estimular a suspeita de que, algum dia, não respeitará sua privacidade.

Nesse lance a Oi está associada à empresa Phorm que, em 2008, meteu-se num escândalo na Inglaterra quando se descobriu que rastreava os clientes da British Telecom sem que eles tivessem sido avisados. Teve que fechar a barraca.

Na empreitada do "Navegador" juntaram-se à Oi e à Phorm alguns dos principais portais de comunicação do país. Lá estão o UOL (empresa do Grupo Folha), o iG, o Terra e "O Estado de S. Paulo". Todos deveriam rastrear melhor a maneira como usam suas marcas.

Folha de S. Paulo, Caderno Brasil, quarta-feira, 31 de março de 2010.

Quadro 2: Íntegra do texto analisado na sessão 5.

Recebido no dia 30 de novembro de 2010.

Artigo aceito para publicação no dia 01 de março de 2011.